

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SÃO PAULO



RELATÓRIO INTEGRAL
Comissão Própria de Avaliação-
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Campus Guarulhos
2017-2018

SÃO PAULO
Março 2018

Reitora

Soraya Soubhi Smaili

Presidente da Comissão Própria de Avaliação

Ieda Maria Longo Maugeri

Campus Guarulhos

Diretora: Magali Silvestre

Vice-diretor: Janes Jorge

Comissão Própria de Avaliação - Campus Guarulhos

Rogério Schlegel (Ciências Sociais) (coordenador da CPA - 2016-2017)

Leticia Squeff (Dep. História da Arte) (coordenadora da CPA – 2018-)

Andrea Slemian (Departamento de História)

Betania Libanio Dantas De Araujo (Departamento de Educação)

Daniel Arias Vazquez (Direção Acadêmica)

Edilene Toledo (Departamento de História)

Edson Lopes Domingos (representante discentes)

Eduardo Kickhöfel (Departamento de Filosofia)

Fernando Atique (Departamento de História)

Graciela Foglia (Departamento de Letras)

Isabela Aggio (representante discentes)

Janes Jorge (Direção Acadêmica)

Josaquias Laurentino do Nascimento (representante discentes)

Leonardo Zancanaro (representante discentes)

Luana de Paula Peres (representante discentes)

Magali Silvestre (Direção Acadêmica)

Manoela Rufinoni (Dep. História da Arte)

Marineide de Oliveira Gomes (Direção Acadêmica)

Mayara Bignani (representante discentes)

Nancy Bomentre (representante discentes)

Patrícia Helena G. da Silva (representante técnicos administrativos)

Priscila Lemos (representante discentes)

Rubia Fernandes e Silva (representante discentes)

Sandra Luís da Silva (Departamento de Letras)

Silvano Oliveira Brito (representante discentes)

Tiago Rufino Fernandes (representante sociedade civil)

Sumário

I. Introdução	4
II. Metodologia.....	5
2016	6
RELATÓRIO SOBRE INGRESSO E PERMANÊNCIA	9
2017	25
III. Desenvolvimento.....	26
RESULTADOS, INTERPRETAÇÃO E MEDIDAS SUGERIDAS A PARTIR DO “QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL- 2017”	26
Eixo 1: Planejamento e Avaliação Institucional.....	26
Eixo 2: Desenvolvimento Institucional.....	28
Eixo 3: Políticas Acadêmicas	29
Eixo 4: Políticas de Gestão.....	47
Eixo 5: Infraestrutura Física	49

I. Introdução

A consolidação da CPA-Guarulhos acontece a partir de 2016, quando se formou um grupo de professores que tem se encontrado quase todos os meses. Nas reuniões comparecem sistematicamente os representantes docentes dos seis cursos e alguns representantes dos alunos. O representante da sociedade civil compareceu a algumas reuniões, bem como o representante dos TAEs. As reuniões realizadas foram registradas em ata, apesar de até agora não contarmos com um secretário para registro formal das atividades.

Este relatório apresenta as atividades realizadas pela CPA da EFLCH nos anos de 2016 e 2017. Apresenta o resultado do trabalho dos GTS criados em 2017 sobre Ingresso e Permanência (Vide Metodologia). E também os resultados, interpretação e medidas sugeridas pela CPA com base no “Questionário de Avaliação Institucional – 2017” (Vide Desenvolvimento).

II. Metodologia

A CPA da EFLCH possui 21 integrantes: um docente representando cada um dos seis departamentos; seis técnicos de apoio educacional; seis estudantes de graduação indicados pelos pares; um representante da Direção Acadêmica; um representante da sociedade civil – que, conforme orientação da Congregação da EFLCH, deve ser o secretária(o) municipal da educação ou representante por ela(e) indicado. Contudo, durante este período a participação de estudantes e técnicos administrativos nas reuniões e trabalhos da comissão foi irregular. Algumas reuniões atraíram poucos estudantes, em outras nem todos os representantes tomaram parte, e assim por diante.

A CPA da EFLCH manteve reuniões mensais, em que foram discutidas questões sensíveis ao campus Guarulhos, com ampla participação dos professores, participação ativa, mas nem sempre constante dos alunos e alguma participação dos Técnicos Administrativos. Com a criação os Grupos de Trabalho sobre diferentes temas, iniciada em 2016, deu-se prioridade à discussão e análise de dados referentes aos seguintes aspectos da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Ingresso e Permanência, Infra-estrutura do campus, Extensão, além de um grupo para discutir as condições para Pesquisa na EFLCH.

O método adotado nos grupos de trabalho foi o seguinte: inicialmente os representantes da CPA enviaram questionários para os docentes, coordenadores de graduação e pós-graduação de seus departamentos. A seguir, de posse dos questionários devidamente preenchidos, os grupos de trabalho se encontraram para discussão e comparação dos resultados. Finalmente, alguns dos GTs conseguiram sintetizar as informações levantadas. Outros continuam trabalhando nos dados.

Os resultados dessa rodada de avaliação foram apresentados à comunidade em duas oportunidades. Em 14 de setembro de 2017, integrantes da CPA apresentaram e discutiram a avaliação própria em reunião da Congregação da EFLCH. Em 27 de novembro, foi a vez de toda a comunidade, em encontro no Teatro Adamastor, que se localiza no interior do campus.

A seguir resumimos os principais desafios e realizações alcançadas nos anos de 2016 e 2017.

2016

No ano de 2016 a Sub-Comissão da CPA Guarulhos trabalhou arduamente em três frentes:

1. Desenvolveu e aplicou instrumentos para levantar informações junto às coordenações de curso e às chefias de departamento.

A CPA de EFLCH fez reuniões mensais regulares, espaçadas apenas em períodos de recesso acadêmico, e desenvolveu instrumento em formato de questionário para levantar informações sobre graduação, pós-graduação e funcionamento dos departamentos. A ideia foi complementar a iniciativa da CPA Central, que preparou o Questionário de Avaliação Institucional aplicado no início de 2017. Coordenadores de curso de graduação, coordenadores de programas de pós-graduação e chefes de departamento passaram por entrevista estruturada, com base nos questionários aplicados por integrantes da CPA da EFLCH. A partir desses questionários, a CPA preparou um relatório preliminar que tem como objetivo principal fazer um raio-X dos setores pesquisados. Informações sobre a atuação do Núcleo Docente Estruturante, tipo e volume

de bolsas obtidas, licenciamento para pós-doutorado de docentes, existência e atividades de grupos e laboratórios de pesquisa estão entre os dados levantados.

A CPA enfrentou a baixa participação discente realizando busca ativa e chamando os estudantes a participarem, com sucesso. Em meados do ano de 2016 alguns dos estudantes que participavam da CPA a deixaram. Após realizarmos busca ativa atrás de interessados, que não foi suficiente para recompor a representação discente, a Direção Acadêmica da EFLCH tomou a iniciativa de fazer consulta ampla ao corpo discente para preencher cargos em comissões e órgãos do campus. Fizemos divulgação de classe em classe sobre as atribuições e as possibilidades da CPA local, com sucesso: oito estudantes de diferentes cursos se apresentaram para participar deste colegiado – apenas cinco eram necessários – e todos se engajaram nas discussões desde então, atuando como titulares ou suplentes.

A CPA da EFLCH também atuou em coordenação com a CPA Central na preparação e divulgação do Questionário de Avaliação Institucional.

Também foram organizados grupos de trabalho para discussão dos seguintes temas:

- a. Ingresso e Grupo de Permanência dos alunos na universidade
- b. Infra-estrutura do campus
- c. Extensão
- d. Condições para Pesquisa na EFLCH

Cada grupo de trabalho foi coordenado por um professor, que com a ajuda dos alunos dedicou-se a pesquisar e consolidar dados e informações a respeito de cada tema.

A seguir, anexamos o relatório produzido pelo grupo de trabalho que reuniu dados a respeito de Ingresso e Permanência no campus.

Ingresso

(Arquivo: Vestibular SISU – UNIFESP 2015 – MAIOR E MENOR NOTA DOS MATRICULADOS)

A tabela registra a maior e a menor nota dos matriculados e se divide por Campi e por Cotista e Não Cotista. São 17 entradas. Todos, exceto História da Arte, com horários vespertino e noturno. História da Arte tem apenas horário noturno.

Exemplo:

				Maior nota matriculado	Menor nota matriculado
GUARULHOS					
ABI	CIÊNCIAS	SOCIAIS	–	COTISTA	714,11
				NÃO COTISTA	753,42
ABI	CIÊNCIAS	SOCIAIS	–		
ABI	CIÊNCIAS	SOCIAIS	–	COTISTA	XXX
				NÃO COTISTA	XXX

- **Comparando as notas dos diferentes campi, pode se observar que:**

- as maiores notas variam entre 804,13 (São Paulo) e 699,9 (Osasco)
- as menores notas variam entre 429,56 (Diadema) e 686,83 (Baixada Santista)

- **Guarulhos**

- as maiores notas variam entre 784,17 (Letras Português-Francês) e 670,92 (Letras Português-Espanhol)

- as menores notas variam entre 646,69 (Letras Português-Espanhol) e 525,31 (Filosofia – Vespertino)

- as maiores notas, no geral, são dos “não cotistas” exceto nos casos de:

Filosofia – Vespertino:	cotista 711,43	não cotista
703,94		

Letras Português – Vespertino	cotista 709,02	não cotista
708,41		

- as menores notas, no geral, são dos cotistas exceto nos casos de:

Filosofia – Noturno	cotista 573,16	não cotista 561,45
---------------------	----------------	--------------------

Filosofia – Vespertino	cotista 562,96	não cotista 527,31
------------------------	----------------	--------------------

Letras Português Inglês – Vesp	cotista 606,76	não cotista
562,7		

Pedagogia – Noturno	cotista 557,19	não cotista 556,2
---------------------	----------------	-------------------

Vagas Oferecidas / Vagas não Ocupadas

(Arquivo: Anexo XI SiSU)

- Os cursos de Ciências Sociais, Filosofia e História e Pedagogia (vespertino e noturno) oferecem 60 vagas em cada período (entram 120 estudantes por ano).

- Os cursos de Letras: Português-Espanhol, Português-Francês, Português-Inglês, Português (vespertino e noturno) oferecem 25 vagas em cada período (entram 50 estudantes por ano, por curso, o que totaliza 200 estudantes por ano)

- O curso de História da Arte oferece 50 vagas no período noturno.

- **Resultados**

- Percentual de matrículas: 94%

- Dos 17 cursos, 9 tiveram 100% de estudantes matriculados.

- História Noturno teve 102% de estudantes matriculados

- Porcentagens de vagas não preenchidas:

Letras Português-Francês Vespertino	23%
-------------------------------------	-----

Pedagogia Vespertino	18%
----------------------	-----

Letras Português-Inglês Vespertino	16%
------------------------------------	-----

Filosofia Noturno	13%
-------------------	-----

Filosofia Vespertino	10%
----------------------	-----

Pedagogia Noturno	07%
-------------------	-----

Total de Alunos concluintes por ano, até 2014

(Arquivo: mesmo nome)

- Difícil analisar os dados pois: haveria que levar em conta as greves e os cancelamentos e reposição de semestre. Além disso, no caso da letras, houve a mudança de forma acesso ao curso. De 2009, quando começou, até 2014 os/as estudantes entravam

para o curso de Letras e no 5º termo faziam opção por habilitação. A partir de 2015 (?), os/as estudantes entram em um curso específico (Português ou Português-Espanhol etc).

Perfil Socioeconômico

(Arquivo: estudo perfil socioeconômico)

O relatório *Análise do perfil de estudantes ingressantes da Universidade Federal de São Paulo*, publicada no site da PROGRAD em 2016 traz as seguintes informações.

Visão geral: Guarulhos e os outros campi

Em termos de renda familiar, o perfil geral dos ingressantes na Unifesp mostrou relativa estabilidade ao compararmos os anos de 2012 e 2015. Em ambos os anos, mais de metade (51,8% em 2012 e 51,1% em 2015) vem de famílias com rendimentos totais superiores a cinco salários mínimos – o que em termos nominais significa valores superiores a R\$ 3.110 em 2012 e a R\$ 3.620,00 em 2015. Os demais ingressantes têm renda familiar que varia entre um e cinco salários mínimos – pontua-se que em ambos os anos menos de 1% dos ingressantes declararam-se oriundos de famílias sem renda alguma.

Quando se observa a renda familiar bruta dos ingressantes por campus, há algumas oscilações relevantes entre os anos de 2012 e 2015. Osasco e São Paulo apresentaram redução na proporção de ingressantes de famílias com renda superior a cinco salários mínimos e São José dos Campos registrou aumento. São Paulo deixou de ser o campus com maior percentual de estudantes na faixa de renda superior, passando de

71,1%, em 2012, para 59,3% em 2015. A queda de Osasco foi menor (de 69,3% para 62,2%), fazendo com que o campus tenha se tornado o que possui maior proporção de ingressantes com renda familiar acima de cinco salários mínimos. Em São José dos Campos, a faixa de renda mais alta concentrou 54,3% dos estudantes em 2012, parcela que subiu quatro pontos percentuais em 2015.

Os valores *per capita* dos ingressantes 2015 confirmam os campi de Osasco e São Paulo como os que possuem maior proporção na faixa superior de renda familiar (neste caso, acima de 1 e ½ salário mínimo). Nos dois campi, novos estudantes vindos deste segmento são maioria: 54,6% em Osasco e 54,2% em São Paulo. Guarulhos é o campus com menor proporção de ingressantes 2015 na faixa de renda mais elevada (38%).

Dados mais detalhados sobre 2015 permitem dividir os campi em três grupos, conforme os rendimentos familiares dos ingressantes. Osasco e São Paulo apresentam as maiores medianas de renda familiar, acima de seis salários mínimos – ou seja, metade dos estudantes tem renda familiar nominal acima de R\$ 4.344,00 (valor igual a seis salários mínimos na época da aplicação do questionário) e a outra metade possui renda familiar até esse valor. Baixada Santista, Diadema e São José dos Campos estão em patamar intermediário, com mediana entre cinco e seis salários mínimos. Guarulhos tem os ingressantes com menor renda familiar, considerando que a mediana do campus fica abaixo dos quatro salários mínimos (em termos nominais, o equivalente a R\$ 2.896,00 a época). O gráfico também revela que em três campi- Baixada Santista, Diadema e Guarulhos – um em cada quatro ingressantes tem renda familiar inferior a três salários mínimos.

Relação entre renda familiar e cursos

Ha relativa homogeneidade nos cursos do campus Guarulhos no quesito renda familiar dos ingressantes 2015: a mediana de todas as carreiras esta entre dois e seis salários mínimos. Para uma observação mais detalhada, é possível dividir os cursos do campus em dois blocos. Entre os que têm mediana de renda familiar até quatro salários mínimos, estão Ciências Sociais (noturno e vespertino), Filosofia (vespertino), História (vespertino), Letras Português (vespertino), Letras Português e Espanhol (noturno), Letras Português e Francês (vespertino), Letras Português e Inglês (noturno) e Pedagogia (noturno). As graduações cujos ingressantes são oriundos de famílias com medianas de renda superiores a quatro salários mínimos são Filosofia (noturno), História (noturno), Letras Português (noturno), Letras Português e Espanhol (vespertino), Letras Português e Inglês (vespertino), História da Arte (noturno) e Pedagogia (vespertino).

Renda Familiar e cor/raça/etnia

Além da carreira escolhida pelo ingressante 2015, o fator cor/raça/etnia esta também associado à variação na renda familiar. Entre os estudantes que se declaram amarelos ou brancos, a maior parte vem de famílias com rendimentos superiores a cinco salários mínimos e rendimentos superiores a cinco Já a maioria dos pardos e pretos pertence a grupos familiares que ganham menos de cinco salários mínimos mensais e menos de cinco pertence a gr7 ingressantes que se declararam indígenas e revelaram sua renda familiar estão mais próximos dos pretos nesse quesito, com 57,1% deles vindo de famílias com renda até cinco salários mínimos.

Manutenção durante a permanência na universidade

Acompanhando as diferenças no perfil de renda, os ingressantes dos diferentes campi têm características diversas no que se refere aos responsáveis pelo custeio dos estudos. O padrão recorrente, que se reproduz na Baixada Santista, Diadema, Osasco e São José dos Campos, é a família nuclear de origem B pais e/ou irmã(o) e/ou imrriagem Baixada Santisgraduação dos estudantes. Nesses campi, entre 64% (caso de Osasco) e 71% (casos de Diadema e São José dos Campos) dos estudantes contam com integrantes do núcleo familiar de origem como principais responsáveis por sua manutenção financeira na universidade.

Guarulhos diverge do padrão, porque a maioria (51%) dos ingressantes 2015 declarou que será o principal responsável por seu financiamento e 45% contam com patrocínio do núcleo familiar de origem.

Índice de Vulnerabilidade social

Na Unifesp, praticamente metade - mais precisamente 49% - dos ingressantes em 2015 vieram de grupos familiares em que nem pai nem mãe completaram curso superior. Em 2012, esse percentual foi um pouco maior, da ordem de 51,2%. Em 2015, nada menos que um em cada cinco novos estudantes tinham pais sem educação universitária e família com renda igual ou inferior a três salários mínimos; já em 2012 o percentual foi um pouco inferior, de 17,6.

Quando a observação é feita campus a campus, há um padrão do qual quatro deles se aproximam. Baixada Santista, Osasco, São José dos Campos e São Paulo têm menos da metade de seus estudantes nas duas faixas de maior vulnerabilidade do índice.

É o campus de Guarulhos que mais diverge deste padrão, por registrar o maior percentual de ingressantes com o nível mais elevado de vulnerabilidade. Entre os

ingressantes 2015 do campus, 29,3% vem de famílias com renda de até três salários mínimos nas quais nem pai nem mãe completaram o Ensino Superior. Outros 31,7% tem pais com a mesma característica, mas famílias com renda superior a três salários mínimos.

O cruzamento do índice de vulnerabilidade com o tipo de escola frequentada no Ensino Médio sugere que pode haver outras desvantagens associadas a menor renda e escolarização dos pais. Quatro em cada cinco ingressantes com maior vulnerabilidade cursaram todo o Ensino Médio em escola pública.

O campus de Guarulhos tem a maior proporção de ingressantes da faixa de menor vulnerabilidade que vieram de escolas públicas (35%). Ou seja, nesse campus praticamente um terço dos estudantes saídos de grupos familiares com renda acima de 3 salários mínimos e ao menos um dos pais com diploma universitário frequentaram instituições públicas durante todo o Ensino Médio. Nos grupos de maior vulnerabilidade, mais uma vez predomina a origem integral na escola pública.

Ocupação

Ao ingressar na Unifesp, a maioria dos estudantes não trabalha, mas boa parte está à procura de emprego. Em 2015, disseram ter uma ocupação remunerada 26,4% dos ingressantes, e perto de 1% declarou ter ocupação não remunerada. Dos 72,6% que não trabalhavam, praticamente metade afirmou estar procurando uma vaga.

Em Guarulhos, 39% dos novos estudantes tinham ocupação remunerada ao iniciar a graduação e 42% disseram estar à procura de emprego. Apenas 18% pretendiam estudar sem trabalhar. Em Osasco, cinco cursos são de tempo integral e cinco outros, noturnos. Neste campus, a proporção dos que já trabalhavam (31%) também supera a média da

universidade, mas o índice dos que não pretendem arrumar trabalho (32%) está em patamar mais elevado do que em Guarulhos.

A intenção de se dedicar apenas aos estudos também se diferencia conforme o grupo de cor/raça/etnia declarada. É maior entre amarelos (49,2%) e brancos (42,4%), cai entre os pardos (27,3%) e chega ao ponto mais baixo entre os pretos (21,6%). O trabalho remunerado tem relação inversa. É menor entre amarelos (18,5%) e brancos (23,3%), tem sua taxa elevada entre os pardos (31,1%) e atinge a maior proporção entre os pretos (40,5%).

Moradia e mobilidade

No que se refere às pessoas com as quais o ingressante 2015 morava, observa-se que a grande maioria (79,1%) residia com os pais. Os que declararam morar sozinhos representam 6,2%, com cônjuge ou companheiro 8% e com outros parentes 6,6%.

Há uma pequena variação entre os campi, especialmente o campus Guarulhos, onde cerca de 30% ou morava com o cônjuge ou companheiro ou morava sozinho.

Tipo de imóvel em que morava antes de ingressar na Unifesp

Em relação aos campi, Guarulhos apresentou o maior percentual em relação a imóveis alugados (23,4%), seguido pela Baixada Santista e por São Paulo (21,34% e 17,98%, respectivamente). No que tange aos imóveis próprios, os maiores percentuais foram observados nos campi Diadema e São José dos Campos (60,5% e 60,3%, respectivamente).

Deslocamento entre residência e universidade

No que se refere à forma como o ingressante 2015 declarou que pretendia fazer o deslocamento para a universidade, a maior parte tinha a expectativa de fazer uso de transporte coletivo (municipal, principalmente, e interurbano – 55,7% e 22,9%, respectivamente).

Principais fontes de informação

Em relação às principais fontes de informação, os ingressantes 2015 apontaram a Internet como a forma preferencial, com 85,9% dos estudantes, seguida de livros (5,4%) e rádio e/ou televisão (5,1%).

Síntese do perfil socioeconômico do estudante de Guarulhos

O perfil dos ingressantes no ano de 2015 do campus Guarulhos caracterizou-se por ser predominantemente feminino (56,9%), de cor/raça/etnia branca (57,4%), proveniente da região sudeste (97,5%), mais especificamente, do Estado de São Paulo (96,5%). No momento em que responderam ao questionário socioeconômico, tinham 23 anos de idade, eram solteiros (85,6%), sem filhos (90,0%), residiam com os pais (70,4%), em casa própria (46,3%), não trabalhavam (59,8%) e pretendiam se deslocar para a Universidade por meio de transporte coletivo (86,7%).

No Ensino Médio, estudaram em cursos regulares (80,9%), no período diurno (61,2%), levando três anos para concluí-lo (87,2%), tendo cursado integral (59,3%) ou parcialmente (8,3%) na escola pública. Não fizeram cursinhos preparatórios antes de ingressarem na instituição (51,2%), tendo optado exclusivamente pela matrícula no curso de graduação da Unifesp (87,4%) de graduação exclusivamente pela matrícula no curso

da Unifesp (84,4%) – o qual representou a primeira experiência de Ensino Superior em suas trajetórias acadêmicas (52,4%).

À época, suas famílias possuíam rendimentos totais inferiores a cinco salários mínimos (63,3%), com renda per capita de até 1 e ½ salários mínimos (62,0%), mas nunca tinham feito parte de programas sociais de transferência de renda (92,3%). Afirmaram ainda que seriam os responsáveis por financiar a própria permanência na Universidade (50,7%). No que toca ao Índice de Vulnerabilidade Sociocultural, os ingressantes foram predominantemente classificados nos dois níveis de maior vulnerabilidade presente na escala elaborada por este estudo – 31,7% no nível 2 e 29,3% no nível 1.

Declararam-se praticantes de atividades físicas ou esportivas (55,2%) e não possuem qualquer tipo de deficiência física (97,0%). Como fontes de lazer indicaram predominantemente a Internet (19,5%), o encontro com amigos (14,5%) e a leitura (28,0%) e como principal fonte de informação a Internet (80,2%).

Evasão

(Arquivos: Estudo Evasão / Estudo Evasão UNIFESP /)

O *Estudo de evasão – UNIFESP*, feito pelo Instituto de Ciência e Tecnologia – Bacharelado em Ciência e Tecnologia (São José dos Campos, 2015), mede a evasão na UNIFESP de 2005 a 2014 relacionando a porcentagem de alunos evadidos com o CR (coeficiente de rendimento) médio dos cursos da UNIFESP. Ao todo são considerados 63 cursos de graduação de todos os Campi.

O estudo, a todo momento, lembra que a evasão de estudantes ocorre por diversos fatores, sendo muito difícil identificar e sugerir ações de controle e diminuição dos índices

de evasão e que é preciso ter cuidado ao dizer que o CR é um fator que leva o estudante a evasão, pois os fatores que contribuem para um CR baixo são diversos.

Como o estudo está preocupado não apenas com a evasão, mas também com a quantidade de engenheiros que o Brasil deixa de colocar no mercado, o estudo não leva em conta, entre outros dados¹, os estudantes dos cursos de licenciatura do Campus Guarulhos, por tanto, avalia 17 cursos de graduação, totalizando 5057 estudantes ingressantes entre 2005 e 2014.

Os resultados desse estudo concluem que

- o total de ingressantes entre 2005 e 2014 foi de 18069 estudantes;
- o percentual de estudantes evadidos na UNIFESP, cujo ingresso ocorreu entre os anos de 2005 e 2014, foi de 29 %;
- existe uma forte associação entre a taxa de evasão e o CR: quanto maior é o CR do curso, menos é a taxa de evasão. Mas o estudo destaca que não se trata de uma relação linear, portanto, “um simples coeficiente de correlação não é o resumo estatístico indicado”.
- o coeficiente de rendimento dos estudantes que, por qualquer motivo, desistiram de terminar o seu curso de graduação é menor, comparando-os com aqueles que se mantêm em curso ou formados.
- Os cursos do Campus Guarulhos apresentam entre 30% e 46% de estudantes desistentes.

¹ Estudantes falecidos, desligados, matrícula cancelada; estudantes cujo CR é diferente de zero; estudantes cadastrados no Curso de Tecnologia em Saúde do Campus São Paulo etc.

- Ciências Sociais Bacharelado Vespertino tem o maior índice de evasão, 46,6% e Letras Português-Espanhol (Bacharelado) Vespertino tem o menor, 30,2%.

A Tabela abaixo apresenta o número de estudantes por situação acadêmica, bem como a porcentagem de estudantes evadidos no período.

Cursos	D	C	F	T	I	% evasão
Ciências sociais bacharelado – noturno	197	169	104	17	487	40.5%
Ciências sociais bacharelado – vespertino	201	130	94	6	431	46.6%
Filosofia bacharelado – noturno	203	155	96	15	469	43.3%
Filosofia bacharelado – vespertino	157	150	82	11	400	39.3%
História bacharelado – noturno	180	176	122	3	481	37.4%
História bacharelado – vespertino	152	166	110	1	429	35.4%
História da arte – noturno	117	159	31	8	315	37.1%
Letras - português (bacharelado) – noturno	74	76	22	1	173	42.8%
Letras - português (bacharelado) – vespertino	43	56	21	1	121	35.5%
Letras - português e espanhol (bacharelado) – noturno	50	79	14	2	145	34.5%
Letras - português e espanhol (bacharelado) – vespertino	38	74	13	1	126	30.2%
Letras - português e francês (bacharelado) – noturno	46	93	5	8	152	30.3%
Letras - português e francês (bacharelado) – vespertino	48	73	9	1	131	36.6%
Letras - português e inglês (bacharelado) – noturno	54	72	13	5	144	37.5%
Letras - português e inglês (bacharelado) – vespertino	43	73	22	3	141	30.5%
Pedagogia – noturno	183	184	113	8	488	37.5%
Pedagogia – vespertino	136	159	126	3	424	32.1%
Campus Guarulhos	1922	2044	997	94	5057	38.0%
Legenda: D = desistentes, C= em curso, F = formados, T = trancados, I = ingressantes.						

INTEGRALIZAÇÃO²

DIMENSÕES ANALISADAS PELA COMISSÃO

I - Análises de documentos externos e internos sobre integralização.

² file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2016_relatorio_integralizacao_26_05_2014%20(1).pdf

II - Pesquisa com coordenadores de curso, secretarias acadêmicas e estudantes para

avaliar o grau de informação, disponibilidade da informação e sistemática de trabalhos dos cursos e secretarias acadêmicas em relação a integralização.

III – Análise sobre o tempo para formatura dos alunos concluintes no período de 2009-2013 e situação acadêmica dos alunos em curso até o momento.

(inclusão do documento

[file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2016_relatorio_integralizacao_26_05_2014%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2016_relatorio_integralizacao_26_05_2014%20(1).pdf))

APRESENTAÇÃO DOS INDICADORES ACADÊMICOS³

Ingresso, formandos, integralização e evasão

Ingresso dados SISU

CAMPUS GUARULHOS				
Curso	Percentual	Ofertidas/Ocupadas	Disponíveis	
ABI - CIÊNCIAS SOCIAIS Área Básica de Ingresso (ABI) - Noturno	100%	60/61	-1	
ABI - CIÊNCIAS SOCIAIS Área Básica de Ingresso (ABI) - Vespertino	97%	60/52	-8	
ABI - FILOSOFIA Área Básica de Ingresso (ABI) - Noturno	83%	60/51	-9	
ABI - FILOSOFIA Área Básica de Ingresso (ABI) - Vespertino	90%	60/54	-6	
ABI - HISTÓRIA Área Básica de Ingresso (ABI) - Noturno	100%	60/60	0	
ABI - HISTÓRIA Área Básica de Ingresso (ABI) - Vespertino	98%	60/59	-1	
ABI - LETRAS PORTUGUÊS Área Básica de Ingresso (ABI) - Noturno	100%	25/25	0	
ABI - LETRAS PORTUGUÊS Área Básica de Ingresso (ABI) - Vespertino	64%	25/16	-9	
ABI - LETRAS - PORTUGUÊS - ESPANHOL Área Básica de Ingresso (ABI) - Noturno	100%	25/25	0	
ABI - LETRAS - PORTUGUÊS - ESPANHOL Área Básica de Ingresso (ABI) - Vespertino	96%	25/24	-1	
ABI - LETRAS - PORTUGUÊS - FRANCÊS Área Básica de Ingresso (ABI) - Noturno	92%	25/23	-2	
ABI - LETRAS - PORTUGUÊS - FRANCÊS Área Básica de Ingresso (ABI) - Vespertino	92%	25/13	-12	
ABI - LETRAS - PORTUGUÊS - INGLÊS Área Básica de Ingresso (ABI) - Noturno	92%	25/23	2	
ABI - LETRAS - PORTUGUÊS - INGLÊS Área Básica de Ingresso (ABI) - Vespertino	60%	25/15	-10	
HISTÓRIA DA ARTE Bacharelado - Noturno	100%	30/30	0	
PEDAGOGIA Licenciatura - Noturno	83%	60/51	-9	
PEDAGOGIA Licenciatura - Vespertino	97%	60/54	-6	

³ file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/IndicadoresAcad%C3%AamicosJulho2015.pdf

RECOMENDAÇÕES:

- Fazer o mesmo estudo levando em conta os/as estudantes de licenciatura
- Foi feita uma pesquisa entre os/as estudantes de São José dos Campos para conhecer as motivações da desistência. Os/as estudantes têm que escolher entre: Não gostava do curso; Não ia bem nas disciplinas; Problemas financeiros; Outros. Fazer o mesmo para Guarulhos.

Para a elaboração deste relatório foram utilizados os seguintes instrumentos para análise:

Análise do Perfil de Estudantes ingressantes da Universidade Federal de São Paulo

109 p. Vários Autores. Disponível em <https://www.unifesp.br/reitoria/prograd/servicos-menu/servicos-da-graduacao/noticias-sub-servicos/437-unifesp-publica-analise-do-perfil-de-estudantes-ingressantes> (acesso em 02/11/2016)

Estudo de evasão – UNIFESP. Maíze Aparecida dos Santos, Thamyres Rollemberg Aboud Arabi Profa. Dra. Juliana Garcia Cespedes.

A evasão no ensino superior e o capital simbólico: o caso da UNIFESP GUARULHOS. Trabalho de conclusão de curso. Wilver Cunha Portella

Apresentação dos Indicadores Acadêmicos: Ingresso, formandos, integralização e evasão. Direção Acadêmica Reunião da Congregação EFALCH Junho 2015. Disponível em:

<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/IndicadoresAcad%C3%A1micosJulho2015.pdf>
Acesso em: 02/11/2016

Estudo Evasão Unifesp. Maíze Aparecida dos Santos, Thamyres Rollemberg Aboud Arabi Profa. Dra. Juliana Garcia Cespedes. Disponível em:

< <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Estudo%20Evas%C3%A3o%20-%20UNIFESP.pdf> > Acesso em: 02/11/2016

O Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes da Universidade Federal de São Paulo. Estudo realizado com base nos dados de ingressantes de 2011 na Universidade Federal de São Paulo. Pró-reitoria de Assuntos Estudantis – PRAE. Disponível em:

<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2016_Estudo_Perfil_Socioeconomico_Estudantes_Unifesp_2011.pdf> Acesso em: 02/11/2016

Relatório Final da Comissão de Integralização. Conselho de Graduação. Portaria ProGrad nº15 de 05 de Novembro de 2013. Disponível em:

<[file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2016_relatorio_integralizacao_26_05_2014%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2016_relatorio_integralizacao_26_05_2014%20(1).pdf)> Acesso em: 02/11/2016

SISU 2016. Anexo XI. Disponível em:

<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2016_AnexoXI_Sisu.pdf> Acesso em: 02/11/2016

SISU 2015 Maior e Menor Nota dos Matriculados. Disponível em:

<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2016_2015_SISU_maior_menor_notas.pdf> Acesso em: 02/11/2016

Total de Alunos Concluintes até 2014. Disponível em:

<[file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2016_TOTAL%20DE%20ALUNOS%20CONCLUINTES_at%C3%A92014%20\(Conflito%20de%20codifica%C3%A7%C3%A3o%20Unicode\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/2016_TOTAL%20DE%20ALUNOS%20CONCLUINTES_at%C3%A92014%20(Conflito%20de%20codifica%C3%A7%C3%A3o%20Unicode).pdf)> Acesso em: 02/11/2016

Vestibulares anteriores. Série Histórica Completa. Disponível em:

<<http://www.unifesp.br/reitoria/vestibular/vestibulares-antigos/category/3-estatisticas>> Acesso em: 02/11/2016

2017

No início de 2017 a CPA da EFLCH participou do encontro com os avaliadores do MEC junto aos cursos de Letras- Português e Letras-Inglês. Também participou da discussão para a elaboração do Questionário de Avaliação Institucional preparado pela CPA Central, não apenas por meio da participação de seu(s) representante(s) formal(is). Uma versão avançada do questionário foi submetida à crítica dos integrantes da CPA local, que fizeram sugestões – algumas delas contempladas na versão final. A CPA da EFLCH também se empenhou em convidar a comunidade para responder o questionário, superando a marca de 20% de respostas entre os integrantes da EFLCH, segundo levantamento parcial no sistema online que disponibiliza o questionário.

No final do ano, com a divulgação dos resultados do Questionário de Avaliação Institucional, foram organizados novos grupos de trabalho para fazer uma análise preliminar de alguns dados particularmente importantes para o campus Guarulhos. Essa análise dos resultados será sumarizada a seguir (vide “Resultados, interpretação e medidas sugeridas a partir do “Questionário de Avaliação Institucional”)

A CPA também fez a divulgação dos resultados do relatório na Congregação da EFLCH e para a comunidade acadêmica. Pretendemos repetir essa apresentação no início de 2018.

III. Desenvolvimento

RESULTADOS, INTERPRETAÇÃO E MEDIDAS SUGERIDAS A PARTIR DO “QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL- 2017”

O primeiro dado a ser ressaltado é o grau de participação da comunidade do campus Guarulhos no QAI (Questionário de Avaliação Institucional) aplicado em 2017. O nível de resposta superou a média da universidade e colocou a EFLCH como a segunda escola em adesão ao instrumento. No geral, 10% do público potencial preencheu o questionário, contra 8% de toda a universidade. Entre os professores, 1 em cada 4 participou da avaliação; entre os estudantes de graduação, proporção de 9% e, entre os TAEs, 39%. Embora baixa, a resposta dos estudantes de pós-graduação foi de 4% -- a segunda maior entre as escolas. Em números absolutos, mais de 4.000 pessoas responderam o questionário.

Eixo 1: Planejamento e Avaliação Institucional

Dimensão 8: Planejamento e Avaliação

O primeiro resultado trazido pelo QAI 2017 foi entendido como estímulo pelos participantes desta Comissão Própria de Avaliação. Ainda que o trabalho esteja em estado incipiente, com o primeiro ciclo avaliativo depois da recriação da CPA ainda em curso, Guarulhos apresentou percentuais de conhecimento sobre a avaliação própria que superam a média de toda Unifesp. O conhecimento sobre a CPA é baixo, mas maior em Guarulhos. Na EFLCH, conhecem a CPA 59,3% dos professores, 11% dos estudantes e 36,1% dos TAEs; são taxas que superam a média da universidade em 4 pontos percentuais, 3 pontos percentuais e 13 pontos percentuais, respectivamente.

Nos quesitos relativos aos instrumentos aplicados pela universidade (avaliação do curso de graduação, avaliação do programa de pós-graduação, avaliação de Unidades Curriculares, avaliação de estágio probatório, avaliação de formandos, avaliação de egressos), não houve variação significativa e em apenas uma direção – para cima ou para baixo – entre os percentuais de Unifesp e EFLCH. De forma geral, o conhecimento é limitado e deve ser aprimorado.

Em relação à avaliação externa, o conhecimento da comunidade de Guarulhos é inferior ao do restante da universidade – que, por sinal, também pode ser ampliado. Isso aparece em diferentes quesitos. Desconhecem o Índice Geral de Cursos (IGC) recebido pela Unifesp nada menos do que 76,6% dos respondentes da EFLCH, contra 71,3% na média da universidade. O Conceito Preliminar de Curso (CPC) é ignorado por 80,66% em Guarulhos, contra 74,9% da Unifesp. Na média da Unifesp, 56,6% não sabem dizer qual a nota de seu curso de graduação, contra 68,2% na EFLCH.

Medidas sugeridas

A cultura da avaliação, seja própria ou externa, ainda é uma novidade em nossas universidades. Há muito o que fazer dentro da Unifesp para torná-la mais conhecida e para submetê-la a debate capaz de revelar sua importância para o aprimoramento da relação de ensino e aprendizagem, na graduação e na pós, assim como para as atividades de pesquisa e de extensão que caracterizam a universidade contemporânea. Estamos nesse caminho, sem dúvida.

Pontualmente, pode-se especular se nos novos campi o desafio ainda é maior, por contarem em princípio com cursos mais novos, corpo docente menos experiente e regras

de governança ainda em construção. Cabe primordialmente – mas não unicamente -- à CPA contribuir para vencer esse hiato, promovendo debates, dando publicidade a diagnósticos e relatórios, dando transparência aos processos de avaliação e fazendo esforço para mobilização dos diferentes públicos nessas iniciativas.

Eixo 2: Desenvolvimento Institucional

Outros dois quesitos avaliados no QAI 2017 dizem respeito à administração central da Unifesp. O conhecimento sobre o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), que descreve para onde deve caminhar a universidade e foi largamente debatido durante sua redação, pode ser mais conhecido dentro da comunidade. Tanto na EFLCH quanto na Unifesp como um todo, mais de 80% dos docentes têm conhecimento sobre ele. Entre os estudantes, no entanto, a maioria optou pela alternativa do questionário “nunca ouvi falar” – 52% na Unifesp e 56% no campus Guarulhos.

Outra dimensão da gestão da universidade é praticamente tão desconhecida quanto essa. Nada menos que 30,4% da comunidade da Unifesp toda e de 34,9% do campus de Guarulhos disse nunca ter ouvido falar a respeito do planejamento orçamentário da universidade. Esses dados, assim como os relativos aos órgãos colegiados (ver abaixo, no Eixo 4), sugerem que há relativo afastamento dos diferentes segmentos da universidade em relação a sua gestão – afastamento que é dramático no caso dos estudantes.

Medidas sugeridas

É preciso procurar formas de envolver os estudantes em assuntos e órgãos que, dado seu contato relativamente efêmero com a universidade, acabam passando

despercebidos. Em parte, um esforço nessa direção já está sendo feito. Durante a discussão dos cortes orçamentários necessários devido à queda dos montantes destinados à Ciência e Tecnologia e Educação, pró-reitores envolvidos com o tema visitaram os vários campi – Guarulhos inclusive – em sessões de esclarecimento. Isso deve se tornar ainda mais comum, com vistas a envolver e incluir os alunos nas discussões orçamentárias e de gestão.

Eixo 3: Políticas Acadêmicas

A respeito do projeto pedagógico de cada curso, 73% dos docentes disseram conhecê-lo bem e 23% disseram conhecê-lo pouco – proporção que parece alta dada a importância da questão. No caso dos estudantes, 23% deles dizem conhecer bem os projetos dos seus cursos, 50% dizem conhecer pouco e perto de 25% não conhecem. Ainda que não se esperasse 100% de envolvimento de docentes e, sobretudo, de estudantes, os dados nos parecem preocupantes. Fatores diversos devem atuar para o resultado modesto. Dois exemplos: estudos tendo fins mais ou menos pragmáticos (possivelmente vespertino e noturno têm respostas diversas e estatisticamente significativas); e questões socioeconômicas que possibilitam mais ou menos tempo para se ocupar de questões além das aulas, possivelmente também diferenciadas por turno.

Planos de ensino

No caso dos planos de ensino, que em princípio devem ser divulgados na matrícula e/ou no início de cada UC, Guarulhos mais uma vez fica acima da média da Unifesp. No campus, 4 em cada 5 professores os divulgam regularmente e proporção igual

de estudantes dizem ter conhecimento deles. Entre os TAEs, mais da metade (precisamente 58,3%) também afirmaram conhecer os planos de ensino das UCs.

Sugestão de medidas:

O projeto pedagógico deve ser entendido como a coluna vertebral do curso. Assim, parece especialmente relevante um esforço da parte das coordenações de cursos da EFLCH no sentido de tornar os respectivos projetos pedagógicos mais conhecidos, de forma a localizar a/estudante em sua caminhada acadêmica. Os professores devem ser sensibilizados para reforçar essa localização em cada UC, mas os coordenadores devem ser protagonistas de reuniões regulares – com os ingressantes, no meio do curso, a cada início de ano, por exemplo – em que os projetos pedagógicos sejam explicitados aos estudantes e discutidos.

O bloco seguinte do questionário trata do conhecimento de programas específicos, a exemplo da Iniciação Científica e da Iniciação à Docência.

Monitoria

É baixo o nível geral de informação sobre o programa de monitoria, quando se considera que é esperado que as monitorias sejam desenvolvidas em todos os campi e em todas as áreas do conhecimento cobertas pela graduação. Apenas metade dos estudantes da Unifesp disseram conhecer bem o programa. Entre os professores, a proporção dos que

deram essa resposta é ligeiramente maior (61,3%). De forma geral, os TAEs estão indiferentes ao programa – só 1 em cada 10 tem bons conhecimentos sobre a monitoria.

No campus Guarulhos, a proporção dos que responderam conhecer bem o programa de monitoria ficou abaixo da média entre os estudantes (32,7%) – percentual próximo ao de Osasco (42,6%). De fato, o nível de conhecimento sobre o programa está longe de ser homogêneo entre os campi. A Baixada Santista mostrou-se mais integrada à iniciativa, com 3 em cada 4 docentes e a mesma proporção de estudantes declarando que a conhecem bem.

Sugestão de medidas:

Este e outros programas que funcionam a partir do lançamento de editais deveriam receber análise específica. Por que há descompasso entre as taxas de bom conhecimento dos docentes e de estudantes, a exemplo de Guarulhos?

Antes deste levantamento, passível de ser feito em contato com a Comissão de Monitoria (que possui uma coordenadora, um integrante por campus e um representante dos discentes), é possível conjecturar que há ações globais de comunicação que podem ser articuladas transversalmente aos programas. Uma sugestão é que seja consolidado e amplamente divulgado um cronograma completo sobre bolsas e programas voltados ao estudante, com explicações genéricas sobre o funcionamento de cada um deles. Algo como um “Calendário de Oportunidades” a ser dirigido primordialmente a estudantes, mas que deve ser divulgado também entre docentes e TAEs.

Iniciação científica

Na Unifesp como um todo, o PIBIC (Iniciação Científica) é conhecido por 88% dos docentes, mas só 45% entre os alunos. Guarulhos fica ligeiramente abaixo da média nesse quesito, pois 86% dos professores dizem conhecer bem, mas só 34% dos alunos conhecem bem o programa de Iniciação Científica.

O conhecimento aprofundado sobre este programa entre os estudantes é menor do que sobre a monitoria – 45,5% de respostas “conheço bem” contra 55,6% para o programa anterior. O dado sugere que a integração do graduando à pesquisa pode ser mais estimulada. Entre os docentes de toda a Unifesp, praticamente 9 em cada 10 disseram conhecer bem o PIBIC.

Em Guarulhos, o conhecimento dos docentes sobre o programa está próximo dos demais campi -- com Osasco aparecendo como caso desviante. Entre os estudantes, Guarulhos aparece com menor nível de conhecimento (34,7%), ao lado de Osasco (29,6%) e Guarulhos – e os que estão acima da média – casos de Diadema, São José dos Campos e São Paulo. A Baixada Santista é ponto intermediário, praticamente na média (43,4%).

Na pergunta aberta do questionário, questionamentos sobre as portas de entrada para o mundo das pesquisas apareceram entre os comentários. “Divulgação de bolsas de iniciação científicas [;] [elas] são pouco divulgadas por e-mail do aluno”, afirmou um(a) respondente. “Gostaria de mais divulgação e orientação sobre projetos de pesquisa no campus de Guarulhos [,] [e especialmente] aos discentes de letras”, registrou outra(o). “Para mim [,] o questionário só deixou mais clara a impressão que já tinha da Unifesp; as informações são pouco divulgadas de todos os

programas”, escreveu um(a) estudante. “Através desse questionário [,] constatei que não conheço uma série de ferramentas e instrumentos da universidade. Isso tudo poderia ser divulgado na sala de aula e nos murais da universidade”, sugeriu outro(a).

Sugestão de medidas:

Uma característica específica do Pibic é ser muito mais bem conhecido entre docentes do que entre estudantes. Iniciativas de comunicação devem, portanto, tentar mobilizar os professores para que compartilhem seu conhecimento com discentes.

Também neste caso parece caber esforço com mais de uma frente. É certo que os órgãos centrais da universidade devem dar maior difusão à iniciativas como o Pibic, mas também em sala de aula os docentes precisam reforçar essas informações e estarem disponíveis para tirar dúvidas e encaminhar estudantes interessados.

Programa de Iniciação à Docência (Pibid)

Iniciativa caracteristicamente vinculada a cursos de licenciatura, o Pibid é pouco conhecido na Unifesp como um todo. Nada menos que 34,2% dos docentes e 22,9% dos TAEs nunca ouviram falar do programa. Entre os docentes, apenas 1 em cada 4 consideram conhecê-lo bem. O campus de Guarulhos, que possui 7 licenciaturas, e o Diadema, com uma licenciatura, destacam-se em termos de conhecimento sobre o Pibid. Eles têm o maior percentual de docentes que dizem conhecê-lo bem (40,7% e 33,8%, respectivamente) e também taxas próximas de conhecimento entre discentes, na casa dos 20%. Ainda assim, são patamares que revelam percepção limitada sobre a iniciativa, com menos de metade dos segmentos acadêmicos revelando conhecimentos mais aprofundados.

Sugestão de medidas:

Contato direto com a Comissão do Pibid, inclusão do edital Pibid em um cronograma geral de oportunidade para o discente e atuação pontual nos campi de Guarulhos e Diadema aparecem, neste momento de diagnóstico, como ações aconselháveis para aumentar o conhecimento sobre a iniciativa.

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – (Pibiti)

O Pibiti é uma variação do Pibic voltada a “estimular os jovens do ensino superior nas atividades, metodologias, conhecimentos e práticas próprias ao desenvolvimento tecnológico e processos de inovação”, conforme seu último edital. Trata-se, portanto, de iniciativa mais próxima da chamada pesquisa aplicada e das áreas tecnológicas.

O conhecimento sobre o programa reflete esta característica. É baixo considerando toda a Unifesp: apenas 28,3% dos docentes, 7,3% dos discentes e 3,6% dos TAEs disseram conhecer bem a iniciativa. Mas tem taxas mais elevadas em campi específicos, como São José dos Campos, e especialmente baixas em Guarulhos. Proporção inferior a 1 em cada 3 disse conhecer (bem ou pouco) o programa, somando todas os segmentos do campus. Em Guarulhos, quase metade dos respondentes (precisamente 43,7%) nunca ouviu falar da iniciativa.

Sugestão de medidas:

A convergência proposta no PDI 2016-2020 envolve o princípio de que, “embora as especialidades sejam absolutamente necessárias para o desenvolvimento das diversas áreas de conhecimento, o processo pode ser agilizado quando se trabalha em conjunto com especialistas de outras áreas”. Cabe mobilizar essa referência quando pensamos as articulações entre tecnologia e inovação, de um lado, e as diferentes áreas o

conhecimento, do outro. Neste caso específico, trata-se de não se conformar com a constatação de que algumas áreas são mais propensas a se envolver com inovação e tecnologia do que as outras.

Por conta disso, os principais esforços a serem empenhados nesta frente devem tratar da equalização do conhecimento, acesso e uso dos setores e iniciativas especializados em tecnologia e inovação da Unifesp. Isso quer dizer aliar instrumentos de comunicação destinados a tornar o Pibiti mais conhecido em toda a Unifesp, mas com atenção para os campi, escolas e cursos que hoje parecem mais distantes do programa – a exemplo do campus Guarulhos.

Programa de Bolsa de Iniciação à Gestão (BIG)

Considerando o tamanho do programa, que em sua edição 2017 ofereceu 30 bolsas, em princípio o conhecimento sobre as BIG (bolsas de iniciação à gestão) parece estar em patamar proporcional ao seu alcance. Isto é, há evidências de que padece da mesma comunicação e percepção imperfeitas que atingem iniciativas semelhantes, com o agravante de ser um programa de menor porte.

Na Unifesp, perto de 1 em cada 5 docentes conhecem bem a BIG. Entre estudantes, a proporção é menor do que 1 em cada 10. Também em relação a esse programa os TAEs aparecem em outro patamar, com 42,2% tendo afirmado que nunca ouviram falar dele.

Mais uma vez, a percepção varia bastante entre os campi. Guarulhos está entre os campi que tem as menores taxas de conhecimento, em contraste com São Paulo, campus no qual 42,4% dos docentes e 50,6% dos estudantes disseram conhecê-lo bem – as

maiores taxas. Na EFLCH, apenas 1 em cada 3 discentes tem algum nível de conhecimento sobre as BIG.

Sugestão de medidas:

A variação do nível de conhecimento por campi não parece se justificar pelo grau dos cursos oferecidos (se bacharelado ou licenciatura), pela área de estudo ou turno, uma vez que as características da BIG a tornam compatíveis com os diferentes segmentos. Parece razoável ter como meta a equalização dos níveis de conhecimento entre os campi.

Programas e projetos de extensão

Em grande medida, o diagnóstico sobre este quesito feito no início de 2017 está vencido, porque a extensão se tornou um dos objetos centrais das políticas acadêmicas ao longo do ano, por conta da proposta da Unifesp de contemplar com extensão 10% do currículo dos cursos de graduação.

Assim, podemos constatar que mais da metade dos docentes diziam no início do ano conhecer bem programa e projetos extensionistas. Entre os estudantes, 1 em cada 3 deu a mesma resposta ao questionário. Entre os TAEs, o percentual dos que se disseram bem informados foi de 16,9%. Em Guarulhos, quase a totalidade dos professores conhecem esse tipo de iniciativa, mas o mesmo não ocorre entre estudantes. Nada menos que 26,8% já ouviram falar, mas não conhecem detalhes; outros 8,6% nunca ouviram falar.

Sugestão de medidas:

Acima de tudo, reter esses dados pode ser útil para avaliações sobre o impacto dos esforços de curricularização da extensão empreendidos a partir de 2017. Sabemos de que

patamar de conhecimentos estamos partindo e reavaliar o nível de informação da comunidade no futuro breve pode ser especialmente útil para avaliar o acerto das iniciativas desenvolvidas no momento.

Outro bloco do questionário tratou de políticas de incentivo à participação do respondente em diferentes atividades. O quadro abaixo sintetiza a comparação entre os dados obtidos para Guarulhos e os relativos a toda a Unifesp.

Incentivo à participação nas atividades listadas* (em %)

	Docentes	Estudantes	Taes	Total
Publicações				
Geral	52.68	44.8	19.24	38.42
GRU	47.46	33.0	2,78	32.41
Eventos				
Geral	43.7	60.08	23.02	46.31
GRU	38.98	48.84	11.11	43.97
Grupo				
Pesquisa				
Geral	57.44	49.95	21.13	42.50
GRU	62.71	55.78	5.56	52.26
Extensão				
Geral	42.56	53.47	25.26	42.97
GRU	47.47	53.80	25.00	50.25
Artístico				
Cultural				
Geral	20.83	33.37	15.12	25.61
GRU	18.64	38.28	8.33	32,66

*As alternativas eram “não”, “não se aplica” e “sim”. No quadro apenas estão as respostas “sim”

Os percentuais destacados em verde indicam valores com grande discrepância entre o campus Guarulhos e o geral da Unifesp – valores com mais de 5 pontos percentuais de diferença. Essa forma de notação parece especialmente útil para gerar uma fotografia instantânea das especificidades da EFLCH.

Os respondentes do campus se sentem mais incentivados a participar de grupos de pesquisa (com exceção dos TAEs) e de atividades de extensão, na comparação com toda a Unifesp. Por outro lado, o incentivo é menor do que o sentido pela média dos respondentes da universidade quando se trata de publicações e eventos científicos.

Naturalmente, uma comparação com outras universidades seria útil para entender se esses percentuais de forma geral estão baixos ou altos. Exemplo disso, é a participação em atividades artísticas, que tem incentivo para perto de 1 em cada 3 respondentes. Será o suficiente, em um campus que possui curso de História da Arte e de outras humanidades?

Sugestão de medidas

Em princípio, toda a universidade poderia fazer um esforço concentrado para estimular a participação nas diferentes frentes e não há por que pensar em ações concentradas na EFLCH. Parte desse esforço precisaria ser feita com recursos financeiros, a exemplo do incentivo à publicação (editar revistas e traduzir ou revisar artigos em línguas estrangeiras exigem algum investimento) e da participação em eventos. Mas também há o que fazer em termos de disseminação de informação sobre grupos e oportunidades de pesquisa já existentes.

Em seguida, o questionário tem um bloco específico sobre políticas de permanência e/ou apoio a estudantes. Aqui também o objetivo foi realizar um mapeamento inicial sobre a percepção sobre a existência das iniciativas, mais do que entrar em avaliações substantivas sobre seu funcionamento.

A pergunta básica deste bloco do questionário é: “A Unifesp desenvolve políticas e ações para o ingresso e permanência dos estudantes. Você conhece as ações abaixo?”. Seguem-se os programas mencionados. De início vale a pena mencionar o fato de que vários quesitos o nível de conhecimento declarado pelos estudantes esteve acima ou no mesmo patamar do dos docentes. Isso não aconteceu no bloco sobre bolsas, em que os docentes se apresentaram como mais bem informados.

Também neste caso pareceu útil fazer quadro sintetizando dados gerais da Unifesp e dados do campus Guarulhos

Conhecimento dos programas de auxílio e apoio à(o)s estudantes*

(em %)

PAPE (Programa de auxílio aos estudantes): “A Política de Assistência Estudantil da Unifesp visa criar condições de permanência e aproveitamento pleno da formação acadêmica aos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica e é destinado a todos os estudantes matriculados nos diversos cursos de graduação de todos os campi da Universidade Federal de São Paulo que se apresentam em tal situação”					
		Docentes	Estudantes	Taes	Total
GERAL	Bem	13.69	33.87	6.53	22.01
	Σ	84.82	64.03	74.58	70.88
GRU	Bem	8.47	41.91	19.44	34.92
	Σ	91.52	56.43	75.01	62.31

BOLSA PERMANÊNCIA: “O Programa de Bolsa Permanência – PBP, instituído pela Portaria Ministerial 389/2013 é uma ação do Governo Federal de concessão de auxílio financeiro a estudantes matriculados em Instituições Federais de Ensino Superior em situação de vulnerabilidade socioeconômica e estudantes indígenas e quilombolas. O recurso é pago diretamente pelo MEC ao estudante de graduação por meio de um cartão de benefício fornecido diretamente pelo MEC via convênio com o Banco do Brasil.”

		Docentes	Estudantes	Taes	Total
GERAL	Bem	17.26	26.43	7.04	18.92
	Σ	81.25	70.85	75.26	74.02
GRU	Bem	16.95	27.72	19.44	25.38
	Σ	83.05	69.96	66.67	71.6
ACOLHIMENTO AO INGRESSANTE: Sem detalhes no site da Unifesp					
		Docentes	Estudantes	Taes	Total
GERAL	Bem	6.55	2.71	3.61	3.66
	Σ	92.26	95.37	80.93	90.43
GRU	Bem	3.39	7.59	8.33	7.04
	Σ	96.6	90.75	83.34	90.46
INCLUIR (acessibilidade): “O Programa de Acessibilidade na Educação Superior (Incluir) propõe ações que garantem o acesso pleno de pessoas com deficiência às instituições federais de ensino superior (Ifes).”					
		Docentes	Estudantes	Taes	Total
GERAL	Bem	6.55	15.48	9.97	13.17
	Σ	86.9	83.92	80.93	90.43
GRU	Bem	0.0	2.97	2,78	2,51
	Σ	96.6	95.71	83.34	95.23
SAÚDE DO DISCENTE: “Além do atendimento clínico, odontológico e de programas de vacinação, o serviço de saúde propicia um acompanhamento individualizado de saúde do aluno.”					
		Docentes	Estudantes	Taes	Total
GERAL	Bem	11.9	15.48	9.97	13.17
	Σ	86.9	83.92	73.19	81.18
GRU	Bem	3.39	18.15	13.89	15.58
	Σ	96.6	81.51	72.22	82.92
APOIO PSICOPEDAGÓGICO: parece um programa destinado exclusivamente à <u>MEDICINA</u> (ver descrição abaixo)					
		Docentes	Estudantes	Taes	Total
GERAL	Bem	12.5	12.76	5.84	10.61
	Σ	86.3	86.43	78.34	83.95
GRU	Bem	13.56	15.84	11.11	15.08

	Σ	83.49	83.49	77.77	83.43
--	----------	-------	-------	-------	--------------

* A pergunta formulada é “Você conhece as ações abaixo?” As respostas possíveis são: “conheço bem”, “conheço pouco”, “já ouvi falar, mas não conheço”, “não se aplica”, “nunca ouvi falar”. No quadro foram consideradas as respostas “conheço bem” e a soma (Σ) das outras (excluída “não se aplica”).

Programa de Auxílio à Permanência Estudantil (Pape)

Em toda a Unifesp, em média 1 em cada 3 discentes conhece bem este programa, que dá auxílio mensal variável em dinheiro para estudantes com dificuldades para custear moradia, transporte, alimentação e creche, vindos de famílias com renda familiar per capita de até 1 e ½ salário mínimo. No balanço da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis (Prae) para o programa em 2016, 1.330 eram beneficiários da iniciativa.

A taxa de informação dos estudantes supera a verificada entre professores e TAEs. Entre os docentes, 13,7% disseram conhecer bem o Pape; para os TAEs, esta taxa é de 6,5%. Esses números sugerem que o fluxo de informações e contato com o programa possa estar concentrado nos NAEs (Núcleos de Assistência Estudantil) de cada campus.

O nível de conhecimento varia muito com a localidade. O Questionário de Avaliação Institucional não permite saber qual a direção da causalidade, mas há associação entre número de bolsas e conhecimento sobre o Pape. Os três campi com o maior número de bolsas no levantamento de 2016 são também aqueles em que os estudantes se mostraram mais informados: Guarulhos, o primeiro em bolsas, teve 42% de respostas “conheço bem” entre os discentes; o campus da Baixada Santista, segundo em bolsas, teve 49,4% de respostas de estudantes com esse teor; em São José dos Campos, terceiro em bolsas, essa taxa foi de 43,2%. Curiosamente, o nível de informação dos docentes não acompanha o número de bolsas por campus.

A conclusão geral é de que há grande desconhecimento dos programas de auxílio aos estudantes.

Sugestão de medidas:

Os docentes podem ser envolvidos de maneira mais direta na comunicação sobre os programas de apoio ao estudante, sendo convidados, por exemplo, a tratar do tema em classes de início de período letivo. Naturalmente isso envolveria uma campanha de esclarecimento voltado a esse público, mas que pode inclusive ter como efeito colateral despertá-lo para as muitas questões envolvidas na inclusão de segmentos sociais antes excluídos do ensino superior público – a exemplo das políticas e pedagógicas.

Além disso, os NAEs (Núcleos de Apoio ao Estudante) poderiam fazer campanhas ou reuniões com os Centros Acadêmicos e afixar cartazes de esclarecimento pelo campus. Isso se aplica a todo este bloco de programas.

Programa Bolsa Permanência (PBP)

Trata-se de linha específica para estudantes de cursos com mais de 5 horas diárias de carga, além de indígenas e quilombolas. Mantido com verba carimbada do MEC, o programa parou de aceitar novos beneficiários desde 2017. Em 2016, eram 312 os estudantes que recebiam esse auxílio, exclusivamente nos campi da Baixada Santista, Diadema e São Paulo.

Apesar de seu escopo mais limitado, o programa rivaliza em conhecimento com o Pape. Em toda Unifesp, os docentes que tinham bom conhecimento da iniciativa foram 17,3%; entre os discentes, essa taxa foi de 26,4% e, entre TAES, de 7%. Os patamares aproximados de informação entre um programa e outro não permite descartar que parte da comunidade confunda as duas iniciativas.

Guarulhos é o terceiro campus em proporção de conhecimento sobre o programa, embora não tenha curso integral – o único tipo beneficiado pelo programa. A Baixada Santista, campus com maior número de beneficiário em 2016, apresentou a taxa mais elevadas de bom conhecimento entre docentes (27,9%) e estudantes (41%). Em seguida, aparecem São José dos Campos (com 29,5% de estudantes se dizendo bem informados), e Guarulhos (com 27,7%), ambos sem cursos integrais – o que é indicação de que o programa possa ser confundido com o Pape na percepção do público Unifesp.

Sugestão de medidas:

Não nos parece ser o caso de uma campanha para esclarecimento das diferenças, mas de reforçar suas características quando houver oportunidades de divulgação. Embora o guarda-chuva conceitual de política “de permanência” seja amplo, tudo indica que discriminar com maior clareza o nome dos diferentes programas possa contribuir para a melhor focalização das políticas – atraindo potenciais beneficiários com o perfil adequado a cada iniciativa, por exemplo.

Programa de acolhimento ao ingressante

No site da instituição, não localizamos nenhum programa estruturado de acolhimento ao ingressante, o que sugere que as iniciativas nessa frente são descentralizadas e dependem do campus, da unidade e do curso – embora a pergunta traga implícita a ideia de que existe um programa com objetivo de receber o ingressante na universidade.

Essa informação talvez seja relevante na interpretação dos baixos índices de conhecimento registrados para este quesito. Apenas 10,1% dos docentes, 7,9% dos discentes e 4,6% dos TAEs disseram conhecer bem um programa de acolhimento para

ingressantes. De forma correspondente, as taxas de “nunca ouvi falar” nesse quesito foram de 27,4%, 46,1% e 39,2%, respectivamente.

Guarulhos não tem programa estruturado de acolhimento, o que pode explicar os baixos índices de conhecimento sobre a iniciativa. Menos de 10% do público do campus disse conhecer bem o programa.

Sugestão de medidas:

Há sinais de que é possível pensar em estímulo centralizado para políticas de acolhimento ao ingressante – a partir dos dados que vem sendo levantados pela Comissão de Estudo do Perfil do Estudante de Graduação (Cepeg), por exemplo. Ou seja, Prae e Prograd poderiam ter papel ativo em incentivar políticas de acolhimento, ainda que fiquem a cargo dos diferentes campi, escolas e cursos.

Programa Incluir (Acessibilidade)

Este programa, existente desde 2005 nas Instituições Federais de Ensino Superior, também tem alto grau de desconhecimento na Unifesp. Disseram nunca ter ouvido falar dele 42,6% dos docentes, 68% dos estudantes e 45,2% dos TAEs. No campus de Guarulhos, assim como no da Baixada Santista, o índice de docentes com informações aprofundadas sobre a iniciativa não chegou a 1%. E, como revela o quadro, as médias de conhecimento detalhadas estão menores do que para toda a Unifesp.

É preciso ressaltar que esses dados espelham a realidade do início do ano de 2017. A aproximação do ingresso com cotas para deficientes, a ser iniciado em 2018, modificou as políticas de comunicação e atuação da Unifesp nessa frente. Nesse sentido, o diagnóstico que o QAI traz sobre a questão pode ser considerado superado.

Sugestão de medidas:

Também neste caso, parece ser mais o caso de reter os dados para comparação futura do impacto das novas políticas em desenvolvimento. Pontualmente, é recomendável atualizar o site do programa, que está corrompido (links não levam às páginas esperadas) e desconectado de outras iniciativas relacionadas à inclusão de deficientes.

Programa de Saúde do Discente

Formalmente chamado de Serviço de Saúde do Corpo Discente (SSCD), o programa atende estudantes de todos os campi da Unifesp, mas só possui ambulatórios na Vila Clementino, em São Paulo. O estudante precisa ser encaminhado para o serviço pelo NAE de seu campus.

A informação sobre esse programa tem pouca penetração nos diferentes segmentos da comunidade Unifesp. Disseram conhecer bem a iniciativa 11,9% dos docentes, 15,5% dos discentes e 10% dos TAEs.

Em Guarulhos, 18,2% dos estudantes têm informação aprofundada sobre ele, ainda que haja uma proporção bem menor (3,4%) de professores nessa condição. Em São José dos Campos foi encontrada a menor proporção de estudantes bem informados sobre o serviço: 5,4%.

Sugestão de medidas:

Não parece realista, neste tempo de encolhimento do orçamento da educação, das Universidade Federais e da Unifesp especificamente, propor aquela que se apresenta como a melhor medida para o SSCD – sua ampliação para todos os campi. Por conta

disso, o baixo nível de conhecimento sobre o serviço também não deve ser encarado como problema, desde que os casos de atenção e enfermidade que realmente possam se enquadrar nos critérios atuais do programa estejam de fato chegando ao ambulatório da Vila Clementino.

De toda forma, aqui também parece haver espaço para campanhas de comunicação visando a melhor difusão de informações sobre o programa. Um indicador disso: o site do SSCD não é atualizado desde setembro de 2014, embora anuncie que uma política de saúde para o estudante estava para ser aprovada no âmbito dos órgãos centrais da Unifesp na ocasião.

Apoio Psicopedagógico

No site da Unifesp, página com informações sobre o Sapa (Serviço de Acompanhamento Psicopedagógico) só foi encontrada no portal antigo da universidade, com data de março de 2007. Isso pode ajudar a entender porque o serviço é pouco conhecido na comunidade da Unifesp. Dizem conhecer bem o serviço apenas 12,5% dos docentes e 12,8% dos estudantes.

Mais uma vez, há diferenças marcantes entre os campi. Os professores de Osasco foram o segmento com maior proporção de respostas “conheço bem”; 28,6% deles escolheram essa alternativa. Entre os estudantes do campus, no entanto, o percentual é bem menor, inferior a 10%. Nos casos da Baixada Santista, Guarulhos e São José dos Campos, informações detalhadas sobre o programa chegaram a mais de 10% dos discentes. Os TAEs do campus se destacaram, por se declararem mais bem informados do que a média da Unifesp.

Eixo 4: Políticas de Gestão

Outros quesitos do QAI 2017 se referiam à participação em atividades do NIT (Núcleo de Inovação Tecnológica) e atividades ou busca de auxílio junto à SRI (Secretaria de Relações Internacionais). Guarulhos é o campus com menor participação no NIT, com 8,5% de respostas positivas entre os docentes – em São José dos Campos, este índice chegou a 27,3%. Entre estudantes o percentual da EFLCH não chegou a 1%.

Em matéria de interlocução com a secretaria que favorece o intercâmbio externo, Guarulhos se apresenta melhor. A proporção de professores que interagiram com a SRI é de 32,2% contra 28,6% de toda a universidade. Os estudantes de Guarulhos ficaram pouco abaixo da média da Unifesp, com 7,3% de respostas “sim”, contra 8,2% em toda a universidade.

Sugestão de medidas

Os percentuais de interação entre os dois órgãos e a comunidade poderiam ser melhorados dando publicidade a suas atribuições. Mas há também medidas mais substantivas, que inclusive transcendem a Unifesp, e que podem ter impacto nesses índices – a exemplo do estímulo à internacionalização da produção e da interlocução acadêmica por parte por órgãos financiadores de pesquisa.

O bloco seguinte se refere à participação e à representatividade nos órgãos colegiados e de direção da Unifesp. Um comentário geral que cabe para todo o bloco é de que parece haver um enorme desconhecimento dos alunos a respeito da estrutura administrativa e representativa da universidade. As instâncias e instituições não são conhecidas da maioria dos alunos. Há também grande insatisfação dos TAEs e estudantes

com relação às instâncias de representação. Essa tendência geral, que aparece em toda a universidade, é ainda mais pronunciada na EFLCH.

Em termos de autonomia e representatividade dos órgãos colegiados, nada menos que 57,6% de todos os estudantes da Unifesp disseram não saber avaliar. O percentual de Guarulhos foi praticamente o mesmo (57,8%), mas no campus houve proporção mais elevada de discentes considerando a autonomia insuficiente (27,4% contra 24,7% da média da Unifesp. Entre os docentes de Guarulhos, virtualmente a metade (49,2%) considerou suficientes a autonomia e a representatividade dos órgãos colegiados.

Também no quesito participação de professores na composição dos órgãos, os discentes têm uma visão pior do quadro (12,6% Unifesp e 11% em Guarulhos a consideram insuficiente). Contudo, mais de 50% dos alunos declararam não ter condições de avaliar. Aqui também os professores se consideram bem representados, na maioria (47% na Unifesp e 57% na EFLCH).

Outra pergunta do questionário se referiu à participação de técnicos administrativos na composição dos órgãos. Aqui se percebe uma grande insatisfação dos TAES, com taxas 44% para Unifesp em geral e de 66% (2 em cada 3) em Guarulhos. Esse dado merece ser olhado mais de perto, ao lado de outros a respeito dos TAEs. Novamente, a taxa de alunos que afirma não saber avaliar esse quesito foi elevada, de cerca de 60%.

Quando questionados sobre sua própria participação nos órgãos colegiados, ainda assim os integrantes do corpo discente revelaram distanciamento. Em toda a Unifesp, 48% disseram não saber avaliar esse quesito; na EFLCH, o índice foi ligeiramente menor, de 42%. Quando se posiciona, o estudante considera insficiente sua participação – caso de 42% dos respondentes de Guarulhos.

Por fim, foi avaliada a participação da sociedade civil nos órgãos internos da Unifesp. De forma geral, a comunidade não soube avaliar essa forma de participação – resposta de 56,7% dos respondentes em toda a Unifesp e de 47,9% no campus Guarulhos.

Medidas propostas

Para este bloco, a Comissão Própria de Avaliação se limita a fazer uma sugestão: abertura de diálogo com os diferentes setores da comunidade, em especial com o corpo discente. Não há solução que não passe por esse ponto de partida, em nosso entendimento.

Um bloco do questionário se destinou a avaliar o conhecimento sobre os canais de comunicação do campus. A Ouvidoria se mostrou bem conhecida, com a maioria dos professores e perto de um terço dos estudantes afirmando conhecê-la (bem ou pouco). O Portal da Transparência é desconhecido de perto de um terço de toda a comunidade. Já o Serviço de Informação ao Cidadão (e-Sic) e a chamada Carta de Serviços não têm a mesma popularidade, com a maior parte dos respondentes dizendo desconhecê-lo, tanto no campus Guarulhos quanto na Unifesp em geral.

Outro bloco de perguntas tratou da satisfação com os canais de comunicação da universidade. A satisfação com a Intranet teve índices um pouco mais altos na média da Unifesp do que no campus Guarulhos (41% de suficiente entre professores na universidade, 37% na EFLCH, por exemplo). O email institucional foi avaliado da mesma forma em Guarulhos e no restante da universidade; um juízo crítico, por sinal: 64% dos professores e perto de 30% dos estudantes o consideraram insuficiente.

Avaliação da infraestrutura, por campus (% de respostas insuficiente)

	Baixada San	Diadema	Guarulhos	Osasco	São José do	São Paulo	Total Geral
Sala de informática - equipamentos	0,57	0,81	0,47	0,48	0,37	0,64	0,57
Sala de informática - acesso à www	0,58	0,70	0,53	0,43	0,39	0,42	0,51
RU - espaço físico	0,27	0,78	0,47	0,75	0,39	0,73	0,57
RU - número de funcionários	0,54	0,47	0,52	0,55	0,17	0,50	0,45
Biblioteca - espaço físico	0,38	0,65	0,32	0,77	0,13	0,38	0,40
Biblioteca - acervo quantidade	0,63	0,59	0,51	0,69	0,76	0,52	0,59
Biblioteca - acervo qualidade	0,45	0,26	0,26	0,37	0,29	0,37	0,32
Biblioteca - horário de funcionamento	0,60	0,65	0,19	0,38	0,64	0,42	0,45

Nos quesitos sobre infraestrutura, o questionário foi bastante detalhado. Optamos aqui por apresentar as principais dimensões avaliadas e uma visão geral sobre o campus Guarulhos. Para isso, lançamos mão da tabela abaixo, com esquema de cores que permite fácil visualização dos resultados. A tabela traz apenas os percentuais de respostas “insuficiente” em cada quesito, sendo por isso um indicador de insatisfação com a dimensão avaliada. Assim, na primeira casela do alto à esquerda, somos informados de que 57% dos respondentes da Baixada Santista avaliariam os equipamentos da sala de informática da escola como insuficientes. E assim por diante.

A visão geral, com Guarulhos apresentando poucas caselas em cores mais quentes e muitas caselas em verde, representa uma boa síntese. De forma geral, a avaliação sobre a infraestrutura do campus é melhor do que em outras localidades, inclusive do que no campus São Paulo. Quem rivaliza com Guarulhos em satisfação é São José dos Campos.

O campus novo, construído no bairro dos Pimentas e em atividade desde 2016, ajuda a entender o bom desempenho, mas não explica tudo. Assim, o alto percentual de “insuficiente” para os gabinetes de professores, obtidos ainda antes de sua entrega, na metade de 2017, hoje já não representa a realidade do corpo docente. A acessibilidade física foi considerada suficiente, muito boa ou excelente pelo dobro de respondentes que a consideraram “insuficiente”. Ao mesmo tempo, na gestão anterior da reitora Soraya

Smaili houve, por exemplo, esforço concentrado para qualificar o acerto da biblioteca – responsável por observações de avaliadores dos cursos de graduação do MEC em visita à unidade.

Além disso, o fato de ter avaliação melhor do que outros campi não deve fazer a infraestrutura da EFLCH ser tomada como impecável. O acesso à internet e o número de funcionários do Restaurante Universitário tiveram mais de 50% de respostas insuficiente – o que indica que ainda há muito por fazer nos próximos anos e gestões.

Dois quesitos que não constaram das questões fechadas do QAI 2017 são certamente o maior calcanhar de Aquiles do campus Guaruhos: segurança e transporte. Nossa sugestão para a CPA Central foi de que eles figurassem nesta versão do questionário, mas dado o esforço de concisão isso não foi possível. De toda forma, os dois temas apareceram na pergunta aberta que fechava o questionário. Optamos por reproduzir aqui algumas dessas manifestações:

Transporte

“Uma pergunta relevante que convenientemente deixou de ser feita é em relação ao EM TORNO [sic] do campus. Perguntas relativas à segurança dos alunos, transporte, iluminação e tempo de deslocamento. A Universidade se desresponsabiliza dessas questões, enquanto os/as alunos/as sofrem com assaltos e com o tempo de deslocamento.”

“Além dos aspectos relacionados à estrutura da Universidade, seja nos campos específicos de cada curso como dos campi, é

importante pensar também na acessibilidade dos alunos ao campus, especialmente no que diz respeito ao transporte público. No Campus Guarulhos isso é uma questão muito importante visto a distância e o trajeto de São Paulo até o Campus. A iluminação do terminal Pimentas e a segurança do trajeto do Campus até o terminal. Seria muito bom se a Universidade articulasse com o poder público melhorias nesse sentido.”

“Um problema muito comum entre a maioria dos alunos do campus Guarulhos vem sendo principalmente o acesso à universidade por meio de transporte público. O semestre começa e muitos alunos deixam de comparecer às aulas por conta da não liberação do passe livre junto à EMTU, a região precisa ser revitalizada pois no horário da saída temos que enfrentar uma escuridão no trajeto para o ponto de ônibus correndo risco de assaltos. Sugiro que seja discutida uma solução para a ampliação do transporte ou mesmo uma linha preferencial (ponte orca) e quanto à segurança do bairro pimentas, que sejam articulados junto com a Prefeitura de Guarulhos medidas sociais e no que se referem à infraestrutura para amenizar a situação em que lá se encontra, muitas crianças ficam andando sem rumo na rua sem expectativa, o que é um problema mais grave do que os assaltos em si.”

Segurança

“Como estudante do campus Guarulhos, peço encarecidamente que invistam em iluminação e segurança. Temos medo de ir até a faculdade. O número de assaltos só aumenta e a sensação de insegurança também. Não quero trancar o curso por esse motivo, assim como vi amigos fazendo.”

“Acredito que essa seja uma questão absolutamente latente no campus Guarulhos, mas em outros campi também pode ser uma realidade. Me pergunto se o interesse da Unifesp por essas questões só surgirá efetivamente quando um aluno sofrer algo mais grave do que um assalto. Em tempo: é responsabilidade da Unifesp zelar pela segurança de sua comunidade, tanto de alunos, quanto de técnicos e/ou de docentes, bem como dos funcionários terceirizados dos seus campi e não, como mais uma vez convenientemente responde, da polícia ou da prefeitura das cidades onde está instalada.”

“Pena que o campus de Guarulhos esteja em local perigoso com muitos assaltos e muito distante de tudo, não é à toa a grande evasão e desistência dos alunos. Deveriam ter analisado isso antes de nos colocarem naquele fim de mundo e em local perigoso. Creio que as pessoas que o planejaram não deixariam seus filhos irem estudar lá...”

“Gostaria de pedir uma atenção especial para a avaliação da segurança no trajeto e entorno do campus Guarulhos. Entendo que há

muitos fatores que independem da instituição, mas acredito que há meios de ao menos atenuar a sensação de insegurança e medo que muitos de nós estudantes passamos todos os dias, como melhorias no transporte de ligação entre estações do metrô de São Paulo e o campus. Inclusive é um fator determinante de permanência estudantil, uma vez que eu mesma estou pensando em abandonar o curso por conta disso. Obrigada pela atenção.”

Medidas sugeridas

Sobre a segurança, uma solicitação bastante recorrente foi investir em iluminação (no terminal de ônibus que fica a 100 metros da universidade e na rua de acesso). Há solicitação de estacionamento para os estudantes (apenas docentes e funcionários podem parar no espaço no subsolo do prédio principal). A crise econômica profunda e prolongada em que se encontra o país desaconselha apostar em melhora vegetativa dos índices de criminalidade – pelo contrário; daí a importância de medidas localizadas. Sobre transportes, há gestões contínuas por parte de Direção Acadêmica da EFLCH e Reitoria junto à EMTU (Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos), ao Governo do Estado de São Paulo e à Prefeitura de Guarulhos, com sucesso apenas limitado. Em grande medida, a questão transcende o campus Guarulhos da Unifesp. Basta dizer que o deslocamento de pessoas entre Guarulhos e a capital paulista é a maior comutação metropolitana registrada no país e até hoje não há transporte sobre trilhos ligando as duas cidades. No momento, o Governo do Estado finaliza um ramal secundário de linha de trem metropolitana que levará ao Aeroporto Internacional de Guarulhos e isso pode vir a beneficiar o transporte para o campus, caso seja possível negociar linhas expressas de conexão.

